

**DESVELANDO AS IDENTIDADES E RACIONALIDADES DOS
CATIREIROS DA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO
PARANAÍBA**

JOSÉ VITOR PALHARES DOS SANTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)
titopalhares@hotmail.com

Introdução

De acordo com Woodward (2000), os estudos sobre identidade se baseiam nas visões essencialistas e não essencialistas, isto é, em concepções de identidade como estável e permanente ou como um processo instável e fragmentado, respectivamente. Já a razão é um dos critérios que diferencia o ser humano dos demais seres da natureza, e sua capacidade de raciocinar, além de orientar suas ações cotidianas, também se relaciona com o processo de construção da sua identidade (BARROS; OLIVEIRA, 2012)

Problema de Pesquisa e Objetivo

Este artigo teve como objetivo analisar, com base nas práticas cotidianas do homem comum (MARTINS, 2008), a construção das identidades de catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, bem como compreender quais os tipos de racionalidades orientam suas práticas na catira.

Fundamentação Teórica

De acordo com Arendt (2004), ao agir no mundo, além de se assumir a condição de ser humano e de interagir com os outros, o indivíduo se revela por meio de suas palavras e de seus atos. Nas palavras de Ciampa (2005, p. 86) “só se é alguém através das relações sociais. O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. [...] Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, e abstrata, é falsa”.

Metodologia

Para atingir o objetivo proposto, utilizamos da abordagem da pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas com 31 catireiros que residem atualmente na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Os catireiros puderam ser encontrados, a priori, por uma lista que os pesquisadores possuíam e, posteriormente, por meio da técnica da bola de neve. A análise dos dados foi feita através da Análise Crítica do Discurso (ACD).

Análise dos Resultados

De acordo com os entrevistados, o agir no mundo e suas práticas cotidianas se dá, principalmente, através do trabalho, pois quase todos utilizam do vocábulo “trabalho” em seus discursos. É importante destacar ainda que os catireiros também são capazes de exercer diferentes tipos de racionalidades em diferentes contextos sociais, como acontece com aqueles praticantes que catiram por hobby.

Conclusão

Os catireiros, inicialmente, buscaram se identificar e se diferenciar dos demais por meio de substantivos, demonstrando quem são. Posteriormente, os respondentes passaram a utilizar verbos que caracterizam suas práticas cotidianas na catira, demonstrando, a partir daí, o que são. Nesse sentido, ações como andar, estabelecer contatos, conhecer pessoas, negociar e entender do mercado são algumas práticas que perfazem, (re)constróem e materializam cotidianamente as identidades desses catireiros

Referências Bibliográficas

ARENDDT, H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

CIAMPA, A. C. Estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense, 2005.

GUERREIRO RAMOS, A. A Nova Ciência das Organizações: uma reconstrução da riqueza das nações. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

SERVA, M. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. Revista de Administração de Empresas, v. 37, n. 2, p. 18-30, abr/jun, 1997.

WEBER, M. Economia e sociedade. Brasília: Ed. UnB, 1994.

DESVELANDO AS IDENTIDADES E RACIONALIDADES DOS CATIREIROS DA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Woodward (2000), os estudos sobre identidade se baseiam nas visões essencialistas e não essencialistas acerca do assunto, ou seja, em concepções de identidade como estável e permanente ou como um processo instável e fragmentado, respectivamente. Neste artigo, compreendemos que as identidades não são estáticas e duradouras, mas sim processos de construção, atividade humana mediada pelos usos da linguagem e relacionada à socialização do indivíduo através de sua interação com o meio (CALDAS; WOOD JR, 1997).

Já a razão é um dos critérios que diferencia o ser humano dos demais seres da natureza, e sua capacidade de raciocinar, além de tornar o indivíduo como um ser único e orientar suas ações cotidianas, também se relaciona com o processo de construção da sua identidade (BARROS; OLIVEIRA, 2012). Segundo Tugendhat (2002), os estudos sobre a racionalidade humana podem se relacionar, principalmente, à existência ou a transcendência do indivíduo. Na Administração, os estudos sobre tal temática são dominados pelas perspectivas weberiana e organizacional (FARIA, 2004).

Contudo, vale ressaltar que, para Barros *et al.* (2011), há uma falta de interesse e desprezo da área da Administração por investigar pequenos comerciantes ou negociantes individuais, os quais têm suas práticas classificadas como ineficientes do ponto de vista mercadológico, devido ao que chamam de falta de racionalidade, razoabilidade e a pouca elaboração. De acordo com Brant (2004), Lima (2009) e Holanda (2011), o homem comum é marginalizado na academia pelo fato de que os pesquisadores caracterizam tais praticantes como amadores, ao afirmarem que esses sujeitos não possuem profissionalismo nem credibilidade em suas ações, e que sobra improvisação em seus negócios.

Desse modo, este artigo teve como objetivo analisar, com base nas práticas cotidianas do homem comum (MARTINS, 2008), a construção das identidades de catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, bem como compreender quais os tipos de racionalidades orientam suas práticas na catira. Mas o que é a catira? As catiras são negociações frequentes e de todos os tamanhos que ocorrem na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; envolvem a troca, geralmente de animais, por bens de consumo, produtos agrícolas e pecuários, dinheiro, ou um pouco de cada, e são responsáveis pela geração e ampliação de renda de muitas famílias rurais mineiras (RIBEIRO; GALIZONI, 2007; SANTOS, 2016).

Além disso, os catireiros, que em geral tem a catira como sua principal ocupação, são extremamente dedicados a essa prática, e são reconhecidos pelos demais membros da comunidade local por meio da profissão que exerce, isto é, de catireiro. Ou seja, o catireiro “tem que ser conhecido, ter bens próprios e sua rede de informantes; tem que saber onde existe algum animal ou bem para ser barganhado e onde há alguém interessado naquilo que ele tem ou que pode adquirir. Mas, sobretudo, precisa ter um bom nome” (RIBEIRO; GALIZONI, p. 72, 2007). Entretanto, as práticas utilizadas pelos catireiros no fazer de seus negócios, juntamente com todo o seu conhecimento, principalmente do mercado rural, não são bem recebidas por parte de técnicos e especialistas da área, os quais, muitas vezes, julgam serem inúteis as pesquisas com esses sujeitos, justificando que tais gestores ordinários não possuem racionalidade e conhecimentos técnicos sobre o mercado rural (RIBEIRO, 1986).

Assim, para atingir o objetivo proposto, utilizamos da abordagem da pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas com 31 catireiros que residem atualmente na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, e a análise dos dados foi feita através da Análise Crítica do Discurso (ACD). Por fim, este artigo está estruturado em outras quatro seções, além desta introdução. A seguir, delimitamos o referencial teórico do estudo, que versa sobre a identidade como prática e os tipos de racionalidades dos indivíduos. Na terceira seção, descrevemos os procedimentos metodológicos percorridos na condução da pesquisa. Em seguida, analisamos a construção das identidades dos catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e das racionalidades que orientam suas ações, para, na quinta seção, finalizar com as considerações finais acerca do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Arendt (2004), o ser humano é a única espécie que tem a capacidade de exprimir as diferenças que possui com os demais, e tal distinção é expressa no momento em que ele age sobre o mundo. Assim, ao agir, além de se assumir a condição de ser humano e de interagir com os outros, o indivíduo se revela por meio de suas palavras e de seus atos. Nas palavras de Ciampa (2005, p. 86) “só se é alguém através das relações sociais. O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. [...] Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, e abstrata, é falsa”. Dessa forma, o anseio por atributos que vão caracterizar e identificar os seres humanos, atribuindo-lhes identidades, pode ser refletido e reforçado pelas relações sociais, as quais ocorrem no dia-a-dia, no cotidiano (SOUZA, 2010). Como narrado na história de Ciampa (2005, p. 23), é no cotidiano que Severino luta pela sobrevivência; assim, “o cotidiano o produz e ele [Severino] o reproduz”.

Além disso, Ciampa (2005) relata também a dificuldade de se expressar a identidade de um ser que age no e sobre o mundo somente por meio de substantivos. Para o autor, os substantivos vão se tornando comuns, pois há vários homônimos na sociedade, e na busca pela diferença nos deparamos com a igualdade. Todavia, podemos representar nossas identidades de outras formas, tendo em vista que os substantivos não conseguem nos distinguir e até mesmo não alcançam nossas singularidades. Então, passamos a nos identificar por meio de verbos. Dessa forma, não devemos nos referir a *quem* a pessoa é, e sim *o que* ela é ou o que ela faz (CIAMPA, 2005).

É nesse contexto que surge a compreensão de identidade como metamorfose. Ciampa (2005) infere que a realidade está em constante movimento, em constante transformação, e que o fazer é sempre uma atividade no mundo, na interação com os outros. Se o sujeito é algo que ele faz, podemos dizer que nossa identidade vai se transformando através das nossas práticas e relações sociais estabelecidas com os outros no nosso cotidiano. Assim, a ideia de identidade como metamorfose diz respeito “a gente ir se transformando permanentemente! Somos seres humanos, somos matéria; através da prática, a gente vai se transformando! E transformando o ambiente.” (CIAMPA, 2005, p.111).

Portanto, ao agir no mundo (as atividades dos indivíduos no mundo), o sujeito se revela, se posiciona e constrói sua identidade. Dessa maneira, concordamos com Ciampa (2005), Souza (2010) e Souza e Carrieri (2012), quando estes afirmam que para compreender a identidade é necessário visualizá-la como um produto, mas sem deixar de lado a compreensão de

identidade enquanto produção, uma vez que o sujeito não é exatamente algo, e sim o que ele faz. Além disso, para Ciampa (2005), tendo em vista o agir no mundo e a relação do indivíduo com os outros, estudar a identidade não é somente uma arte (CERTEAU, 1994) descritiva de compreender as identidades: há a necessidade também de apreender os significados implícitos, analisar o jogo das aparências e aquilo que está disfarçado.

Assim, de acordo com a abordagem da identidade como prática, para investigar a identidade é necessário que analisemos as práticas, ações e interações dos indivíduos entre si e com o mundo, uma vez que é por meio dessas atividades cotidianas que a identidade se (re)constrói e se (re)define (SOUZA, 2010). Contudo, essas mesmas práticas cotidianas que (re)construem as identidades dos sujeitos são pautadas por ações de caráter instrumental e/ou substantiva, o que vai caracterizar as racionalidades desses atores em determinados momentos (SERVA, 1997). De acordo com Certeau (1994) e Tureta e Lima (2011), nem sempre as ações desenvolvidas no cotidiano seguem um planejamento consciente ou são intencionais, então, nem sempre os praticantes utilizam da racionalidade instrumental em suas práticas. Mas o que seria racionalidade?

De acordo com Weber (1994), a racionalidade pode ser compreendida como aquilo que qualifica o sentido da ação social, a qual pode ser determinada por tradições e costumes, pela afetividade e emoções, por meio da racionalidade baseada nos fins ou pela racionalidade baseada em valores (éticos, morais, religiosos, etc.). Além disso, Weber (1994) classifica as racionalidades em quatro perspectivas, que apesar de distintas, se sobrepõem mutuamente, quase sempre haverá um mix de racionalidades envolvidas. São elas: racionalidade prática (regida por um comportamento calculista e individualista, baseada nos interesses do agente da ação); teórica (que envolve a relação entre conceitos abstratos precisos e a ação do indivíduo); substantiva (quando há relação entre ordens de ação sob determinados padrões e seu contexto, não tendo como base, necessariamente, somente o cálculo dos fins); e a formal (articulação entre as ações a fim de que objetivos pré-determinados sejam alcançados) (WEBER, 1994).

Já Serva (1997), apoiado nos estudos de Habermas e Guerreiro Ramos, compreende o conceito de racionalidade perpassando duas vertentes: a instrumental e a substantiva. A racionalidade instrumental seria caracterizada pela ação calculada, pelos fins, por projeções utilitárias e pela maximização dos resultados, isto é, por diversas ações organizadas, não necessariamente éticas, que tem o intuito de alcançar objetivos pré-estabelecidos com a máxima eficiência (SERVA, 1997). Por outro lado, a racionalidade substantiva é constituída por elementos como a auto-realização, pelo julgamento ético, pela autonomia, por valores emancipatórios e de bem estar social, quando a ação do indivíduo está orientada para atingir a plenitude do potencial humano (GUERREIRO RAMOS, 1981), por valores éticos que transcendem o cálculo e as projeções utilitárias (SERVA, 1997).

Entretanto, é importante ressaltar que, em diferentes momentos da vida e em diferentes práticas cotidianas, o indivíduo pode exercer diferentes tipos de racionalidades (GUERREIRO RAMOS, 1981). Nesse sentido, para entendermos dessas racionalidades e como elas influenciam no processo de construção da identidade, é necessário compreendermos como os indivíduos atuam no mundo. De acordo com Guerreiro Ramos (1981, p. 128)

O indivíduo participa da feitura da realidade social, e o caráter dessa participação pode diferir de um indivíduo para o outro. Pode ser um caráter ativo, caso em que o indivíduo é um existente real (isto é, um ego, uma pessoa), ou pode ser meramente reativo. Neste último caso, o indivíduo perde o caráter de ser real e transforma-se num simples sistema de processamento de informação [...]. Pode acontecer que, em

certas circunstâncias, as estruturas sociais influenciem tão pesadamente os indivíduos que eles passem a agir como se estivessem completamente moldados pelo processo social.

Muitas vezes, devido às estruturas sociais nas quais está inserido, o sujeito se comporta de maneira calculista, objetivando interesses e situações que lhe são favoráveis, e “[...] interesses e conveniências que são, se radicalmente analisados, interesses e conveniências do capital (e não do ser humano, que assim permanece um ator preso à mesmice imposta)” (CIAMPA, 2005, p. 165). Assim, o indivíduo se despersonaliza, uma vez que suas ações se tornam normatizadas, agindo apenas como um sujeito que possui determinado papel para manter a estrutura social, e conserva sua identidade produzida, a qual pode ser compreendida como identidade instrumental (SOUZA, 2010). Por outro lado, quando o sujeito se torna capaz de agir autonomamente, com julgamentos independentes da crença aos papéis estabelecidos na sociedade, e refletindo sobre suas próprias convicções e na possibilidade de transformação do sistema social, ele se respalda na racionalidade substantiva, cunhando espaços para desvelar a sua verdadeira essência, sua identidade substancial (SERVA, 1997).

Dessa forma, uma das diferenças estabelecidas entre identidade instrumental e identidade substantiva está no fato de que a primeira se relaciona com os papéis estabelecidos em sociedade, com a aceitação alheia, e com a conveniência, enquanto que a segunda diz respeito à identidade autêntica, ao autoconhecimento do indivíduo. Nesse sentido, Souza (2010) infere que o comportamento racionalmente instrumental permite revelar *o que* o indivíduo é em um determinado contexto no qual está inserido, e a conduta da racionalidade substancial desvenda *quem* o sujeito realmente é. Além disso, um estudo de Lima *et al.* (2004) sobre essas duas concepções de identidade apontou para uma crescente concentração da identidade instrumental, sendo um dos motivos principais desse fato a influência do trabalho e suas projeções utilitaristas no processo de construção da identidade. Contudo, de acordo com Ciampa (2005), os indivíduos são capazes também de praticar sua identidade autêntica em contextos balizados pelo instrumentalismo, quando transforma a si mesmo e as condições que os reprimem.

Dando sequência, Certeau (1994) infere que nosso dia-a-dia é formado através das bricolagens dos diversos sujeitos que dividem o mesmo espaço, os quais, considerando as relações de poder, interagem uns com os outros [e a partir daí constroem suas identidades] através de práticas. Cabe ressaltar aqui que, através das ideias desse autor, é possível compreender que o processo de construção da identidade ocorre no cotidiano, onde os sujeitos se (re)apropriam constantemente do contexto simbólico do espaço em que estão situados (e no qual agem) e, a partir daí, vão (re)construindo suas identidades.

É importante destacarmos, então, que, para o estudo da identidade como prática, faz-se relevante a compreensão do uso de determinadas práticas no cotidiano pelos indivíduos, uma vez que essas práticas diárias nos revela quem ele é (identidade individual), o que ele é (identidade social) e a qual grupo pertence (identidade coletiva). Dessa forma, as práticas empregadas no cotidiano pelos sujeitos (re)constróem e (re)definem suas identidades, sendo, portanto, uma manifestação das mesmas (SOUZA; CARRIERI, 2012).

Além disso, outra prática relevante no processo de construção identitária diz respeito às discursivas. “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17). Levamos em consideração aqui que o indivíduo só existe enquanto indivíduo através das práticas discursivas (BUTLER, 1998; FOUCAULT, 2000) e suas normas

discursivas, que agem a todo instante e o força a se constituir como sujeito (SOUZA, 2014). Além disso, segundo Arendt (2004), a ação fora do contexto discursivo não é ação, uma vez que não admite interação e nem revela seu sujeito. Portanto, nos respaldamos na concepção de Souza (2010) e Souza e Carrieri (2012) de que, para a análise da construção da identidade, toda prática atravessa seu contexto discursivo.

Assim, assumimos neste trabalho a compreensão de Souza (2010) e Souza e Carrieri (2012) nos estudos sobre identidade, os quais analisam, necessariamente, as práticas dos indivíduos em seu cotidiano. Além disso, para poder apreender essas práticas foi necessário que levássemos em consideração os discursos dos indivíduos, inclusive os não verbais. Desse modo, corroboramos com os autores Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014) ao admitir que os estudos sobre a construção da identidade devem abranger uma análise das práticas cotidianas dos sujeitos, as quais, posteriormente, são transpostas para o nível discursivo, possibilitando a apreensão das mesmas para compreender os sentidos dos sujeitos. Por isso, a análise dos dados abrangeu essa tríade (identidade, prática e discurso) como elementos intrínsecos.

Ademais, gostaríamos de ressaltar ainda que Serres (1995, p. 171) compreende a identidade como algo que está em constante redefinição, em uma “multiplicidade de experiências e jogos relacionais, dos quais os sujeitos participam e que os posicionam na situação de viver simultaneamente múltiplas pertinências”. Nesse sentido, o autor também trata da identidade como algo flutuante e não fixo ou estático, e pontua a necessidade de distinguir identidade de pertencimento.

Quando falam, por exemplo, em identidade brasileira, identidade francesa, confundem o que seja identidade — identidade é "A" idêntico a "A", isto é, "Michel Serres" é idêntico a "Michel Serres": isto é a identidade. O fato que ele seja francês... Isso não é a minha identidade, isso é meu pertencimento. O fato que eu seja judeu, católico, protestante... Pertencimento. O fato que eu me chame Serres é, aliás, um pertencimento a uma família. O fato que eu me chame Michel é pertencimento ao conjunto de pessoas que se chamam Michel. Tudo isso são pertencimentos. (...) minha identidade é a intersecção de todos os meus pertencimentos. Eu sou brasileiro + moreno + filósofo + médico + ... + ... + ... e mais eu tenho pertencimentos, mais eu enriqueço minha identidade (SERRES, 2000, p. 139).

Desse modo, na concepção do autor, a identidade é algo flutuante, resultado da intersecção de todos os seus pertencimentos, os quais não são sempre os mesmos. Assim, entendemos que os catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba possuem pertencimentos com as catiras e com os demais catireiros, possuem identificações com os mesmos. Para Woodward (2000, p. 18), a identificação nada mais é do que “o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades”. Desse modo, não reduzimos a identidade à identificação, mas acreditamos que esta última seja parte do processo da (re)construção identitária e, portanto, precisava ser ressaltada neste estudo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingirmos os objetivos propostos, de analisar a construção das identidades de catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e compreender quais os tipos de racionalidades orientam suas práticas na catira, utilizamos de uma abordagem de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Nesse sentido, corroboramos com Chizzotti (2003)

quando este afirma que, embora a investigação qualitativa tenha assumido vários paradigmas e possibilidades de análise, sua tônica está em investigar fenômenos situados em determinados locais, e os sentidos e significados que lhe são atribuídos pelos sujeitos.

O *corpus* da pesquisa foi formado por meio de entrevistas semi-estruturadas com 31 catireiros que residem atualmente na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. De acordo com Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semiestruturadas são caracterizadas por combinarem perguntas abertas e fechadas, onde o pesquisador deve conduzi-las como se estivesse em uma conversa informal com os entrevistados (BONI; QUARESMA, 2005). Dentre os 31 catireiros entrevistados, 28 são homens e 3 são mulheres. Os respondentes possuem entre 25 e 82 anos de idade, e a escolarização desses varia desde o ensino fundamental até o ensino superior completo. As cidades dos catireiros entrevistados foram Sacramento, Uberaba, Araxá, Prata, Conquista, Perdizes e Patrocínio, todas elas localizadas na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

A escolha dos entrevistados levou em consideração aqueles que se autoidentificam como catireiros e o local em que eles realizam suas negociações. Assim, a delimitação de tais sujeitos não foi pelo o que ele catira, nem pelo fato de ele ser do meio rural ou urbano. Os respondentes catiram tanto animais (que é o mais comum) como também bens materiais e serviços. Além disso, escolhemos os catireiros mineiros por esta ser uma das regiões em que arte da catira está mais consolidada, principalmente no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (RIBEIRO; GALIZONI, 2007).

Vale ressaltar ainda que a delimitação da escolha dos entrevistados também levou em consideração um processo de conveniência, isto é, foram entrevistados aqueles catireiros que aceitaram participar da pesquisa. Além disso, a escolha desses sujeitos envolveu, *a priori*, uma rede de contatos que nós, pesquisadores, possuíamos, sendo que os demais puderam ser encontrados por meio da técnica da bola de neve (*snowball sampling*), técnica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas (BIERNARCKI; WALDORF, 1981), em que os sujeitos catireiros compartilham, reconhecem e indicam outros respondentes com características semelhantes aos da de interesse da investigação. Tal método foi escolhido devido ao fato de que, como evidenciado por Ribeiro e Galizoni (2007), os catireiros precisam ser reconhecidos e ter um bom nome. Dessa forma, os catireiros puderam reconhecer e indicar outros indivíduos que partilham de características semelhantes, como praticar a arte da catira.

Como em uma pesquisa qualitativa o número de investigados não precisa ser definido de forma inexorável, uma vez que não é a quantidade de sujeitos que irá validar o estudo, mas sim suas especificidades (DÉGOB; PALASSI, 2009), a coleta de dados foi interrompida na medida em que foi constatado que novos elementos para subsidiar a teorização almejada não seriam mais depreendidos a partir do campo de pesquisa. Por fim, a análise dos dados foi feita mediante a Análise Crítica do Discurso (ACD). De acordo com Fairclough (2003), a Análise Crítica do Discurso trata a linguagem como discurso, e este como um elemento do processo social que está interconectado com outros elementos da prática social, isto é, o discurso é a linguagem como uma forma de prática social, sendo a ACD uma analítica de como os (con)textos interagem inseridos em práticas socioculturais.

Assim, os caminhos que escolhemos para serem trilhados até aqui foram no intuito de conferir sentido social a esses entrevistados, que passam a sentirem-se parte do contexto no qual eles estão inseridos. Além disso, por meio dessas escolhas também corroboramos com as afirmações de Ciampa (2005), de que o trabalho do pesquisador se trata de uma questão

política e social quando dá voz e ouvidos às pessoas inaudíveis, as quais não possuem espaço na academia, criando oportunidades para que a histórias de muitos catireiros/Severinos sejam ouvidas e disseminadas na sociedade.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro tema que apareceu nas entrevistas e que gostaríamos de destacar no que tange ao percurso semântico da identificação é a apresentação nominal. Ao iniciar a conversa com os catireiros, já na primeira pergunta, pedimos que eles nos contassem um pouco sobre quem eram aqueles indivíduos. Em momento algum pedimos que eles nos passassem o seu nome completo. Contudo, quando foram indagados sobre quem eles eram, os entrevistados buscaram se identificar e se diferenciar dos demais catireiros primeiramente através de substantivos, por meio de seus nomes próprios, como já relatado por Ciampa (2005). Após isso, alguns tentam conferir mais singularidade ainda ao relatar como são conhecidos na cidade (seu apelido) e, posteriormente, recorrem ao seu ano de nascimento ou até mesmo ao sobrenome da família, que vai diferenciá-lo das demais.

01 Meu nome é *Beltrano dos Santos Santana*. Da antiga família *Santana* aqui de Sacramento, né?! Nasci em, em... To com 52 anos de idade. Depois cê faz as contas aí (risos). (C13)

02 Meu nome é *Fulano Cicrano da Silva*. Mas o povo me conhece como *Cicraninho*. Nasci em novembro de 1979. E hoje eu tô com 36 anos de idade. (C17)

Nesse sentido, uma questão que gostaríamos de pontuar é que a questão do nome parece ter um peso, um diferencial para os catireiros, uma vez que os entrevistados se entusiasmavam para falar enfaticamente seu nome completo. É como que, a partir daí, nós já poderíamos ter uma noção de com quem estávamos conversando. O que está implícito nisso está relacionado com o fato de que, os catireiros, para fechar seus negócios, “tem que ser conhecido (...) e, sobretudo, precisa ter um bom nome” (RIBEIRO; GALIZONI, p. 72, 2007), uma boa reputação. Caso contrário, se forem (re)conhecidos por meio de maus negócios e tramóias que fazem nas catiras, terão seus nomes e identidades relacionados à desonestidade e desconfiança. Por isso, os enunciadores dão tanta ênfase e iniciam as entrevistas nos dizendo seus nomes completos, como uma forma de legitimação e validação de seus discursos que foram proferidos durante as entrevistas.

Além disso, no trecho 02, é interessante destacar a escolha gramatical da palavra “mas” e o sentido que ela confere ao contexto, pois, ao enunciador utilizar dessa conjunção adversativa, ele demonstra que, na dimensão social, sua identidade individual é mais singularizada por meio do seu apelido do que através do seu próprio nome completo. Em sequência, ainda no percurso semântico da identificação, outra temática que emerge após a apresentação nominal para a construção identitária dos entrevistados e que vai diferenciá-los dos demais indivíduos envolvidos na pesquisa é o elemento que denominamos de transfiguração ou metamorfismo. Nessa temática, os entrevistados deram ainda mais subsídios discursivos para se diferenciarem dos demais catireiros. Contudo, dessa vez sob a forma de verbos.

Como relatado por Ciampa (2005), é nesse contexto que surge a compreensão da identidade como metamorfose, uma identidade que está em constante movimento, em constante transformação, uma vez que ela é (re)construída através das práticas, de como o catireiro age no mundo e da sua interação com os demais membros da sociedade. Assim, os enunciadores se referem não mais a *quem* são, mas *o que* são e *o que fazem*. Nesse sentido, é interessante

observar os estilos das práticas discursivas dos entrevistados, de como o enunciador (catireiro) construiu sua imagem em sua própria fala.

03 Eu sou uma mulher versátil. Eu sou comerciante, dona de casa, fazendeira, sou um pouquinho de cada. Eu comecei minha vida profissional... Depois que eu me casei e fiquei viúva, me vi cheia de negócios pra fazer. Que que eu ia fazer? Foi a situação que me fez assim. Daí comecei minha vida profissional. Comecei a estudar, comecei a entender das coisas, comecei a fazer as catiras. (C31)

04 Meu nome é (...) tenho 43 anos, me formei em pedagogia, fiz pedagogia empresarial na pós-graduação e acabei entrando na área de artesanato, que é onde me adaptei melhor. Dei aula, fui coordenadora, mas eu me adaptei mais foi na área de artesanato mesmo, onde eu me realizo e faço algumas catiras. (C04)

05 Eu vivi na zona rural até os doze anos. A partir daí é... eu vim pra cidade. Trabalhei no comércio, numa loja de tecidos por aí. Depois fiz curso técnico agrícola na década de sessenta. Já trabalhei com reflorestamento, trabalhei na produção de leite, sempre trabalhei um pouco com gado.. E hoje é a minha paixão, fazer catira, né?! Sempre fui ligado a área de compra e venda de animais. (C11)

06 Meu nome é (...) Tenho 46 anos de idade. Já fiz muita coisa, mas hoje eu sou motorista, pecuarista e faço um pouquinho de catira aqui, um pouquinho ali. (C28)

Nos fragmentos destacados acima, é possível compreender por meio das relações lexicais que, para os enunciadores, o agir no mundo e suas práticas cotidianas se dá, principalmente, através do trabalho, pois quase todos utilizam dessa palavra em seus discursos. Os que não o fazem, deixa implícito o termo através da utilização de substantivos, como no fragmento 03, em que a enunciativa, na dimensão social, age como comerciante, dona de casa, fazendeira e negociante, aludindo à dimensão do trabalho. Assim, em todos os trechos os sujeitos demonstram que agem no mundo por meio de suas profissões.

Outro ponto convergente entre os entrevistados e que podemos verificar nos fragmentos acima é que eles passam a se identificar por meio do que eles *fazem* (verbos), e o ponto de pertencimento ou identificação em comum entre eles é que todos fazem catiras (e por isso foram escolhidos para serem entrevistados, como já foi dito nos procedimentos metodológicos). Dessa forma, a identificação com a prática da catira entre todos confere um dos aspectos da identidade do grupo de sujeitos entrevistados, que é agir no mundo através, também, das catiras.

Como estamos falando da temática da transfiguração ou metamorfismo no percurso semântico da identificação, acreditamos que o quinto trecho (05) exemplifica muito bem o motivo de termos denominado tal temática dessa maneira. Nesse fragmento, o enunciador deixa claro em seu discurso, através dos tempos verbais, as transformações que foram ocorrendo em suas práticas cotidianas e que influenciaram na (re)construção das suas identidades. No trecho, o entrevistado diz que já viveu na zona rural, depois mudou pra cidade, que trabalhou em comércio, fez curso técnico, trabalhou também com reflorestamento, com produção de leite, com compra e venda de animais e hoje trabalha com a sua paixão, que é fazer catiras. Desse modo, esse catireiro demonstrou em seu discurso como se dá as metamorfoses (CIAMPA, 2005) de suas identificações profissionais na dimensão social, e como sua identidade está em constante transformação e movimento na dimensão de suas práticas e de seu agir no mundo.

Outro tema que pode ser explorado no percurso semântico da identificação é o que diz respeito à origem dos entrevistados. Foi possível notar que, frequentemente, os catireiros também iniciaram seus discursos buscando se identificar por meio da evocação de suas

cidades de origem, de modo a tentar diferenciá-los e conferir singularidades as suas identidades individuais. Contudo, vale relembrar que, no contexto de uma identidade coletiva, todos os entrevistados nasceram ou fazem suas catiras em municípios localizados na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Portanto, nesse aspecto eles não se diferenciam.

07 Eu nasci na roça, mas fui criado aqui em Uberaba, né?! Foi aqui que eu tive o primeiro contato com a catira. É a cidade do Nelore, né?! Então tem muita gente que catira gado aqui (...) Por isso eu gosto muito daqui. (C20)

08 Ah, aqui em Araxá dá pra fazer uns negócio bão. Tem também cidade vizinha que o pessoal catira muito. Mas, como eu nasci e fiz minha vida aqui... Preferi ficar aqui mesmo. (C22)

Como podemos observar pelos trechos acima, os enunciadores se identificam com as suas cidades na primeira pessoa do singular (eu). É através desse tema que os catireiros conseguem se localizar espacialmente. Dessa forma, os municípios são os elementos espaciais de identificação, onde os sujeitos foram socializados primeiramente, onde nasceram e/ou cresceram e também, para muitos entrevistados, onde tiveram o primeiro contato com a prática da catira, como relatado no sétimo fragmento por C20.

Assim, após descrever “quem são” e “o que são” os catireiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o próximo percurso semântico que norteou nossos resultados diz respeito a identidade prática dos catireiros. E tema que analisamos aqui é o que os catireiros fazem no seu cotidiano, quais e como se dão as práticas cotidianas na arte da catira que (re)constroem e caracterizam a manifestação das suas identidades, como pode ser observado nos trechos abaixo.

09 O catireiro é aquela pessoa que fica lá nas praças procurando negócio. Anda nas fazendas perguntando o que que o cara tem pra catirar. É isso aí que é o catireiro. (C01)

10 O catireiro precisa ser carudo (risos)! Ele tem que ter, como é que eu vou falar... como que fala... Deixa eu pensar aqui um pouquinho... tem que ter atitude e iniciativa pra ir lá e tomar frente, de ir atrás de outros catireiros pra negociar, perguntar o que tem pra catirar. Pessoa que fica atrás da moita não faz catira não! Tem que ser pra frente. Tem que ser carudo mesmo. Porque tem muita gente que quer ser catireiro, mas não dá conta porque tem vergonha. (C04)

11 Tem que andar muito. O catireiro não pode ter preguiça. Às vezes surge uma oportunidade, mas aí diz “ah não vou!”. Às vezes ocê perde um negócio bom. Se ocê ficar com preguiça... cê não vai fazer negócio bom com preguiça. Não pode ter preguiça! Tem que correr atrás! Andar, levantar quem são os catireiros e o que eles tem pra negociar, conhecer de tudo um pouco. (C09)

12 O catireiro tem que ser bom negociador e comprar de tudo hoje. Tem que especular as coisas também, saber argumentar, mostrar, falar, igual vendedor de loja mesmo. Eu catiro vaca gorda, bezerro, vaca magra, qualquer trem, né! Porque se você for especificar “Vou catirar bezerro, só bezerro”, aí você vai na fazenda, lá tem bezerro, tem umas vacas magras. “Não, só quero vaca gorda.” Acaba perdendo, aí você mesmo denigre a sua imagem. (C06)

Desse modo, como podemos observar pelas relações lexicais acima e pelas demais entrevistas que não estão nos trechos selecionados, as práticas dos catireiros no cotidiano da catira são expressas por meio de verbos, como o andar, procurar, perguntar, negociar, comprar, argumentar, mostrar, falar, conhecer, especular, saber, dentre outros. Todos os catireiros deixaram em evidência que uma das principais práticas na arte de fazer catira é ser um

caminhante, isto é, o catireiro precisa *andar muito* para *especular* quem são os possíveis catireiros com quem eles poderão se relacionar e o que eles catiram em seu cotidiano.

Além disso, no fragmento 10 a enunciativa utiliza dos substantivos “atitude” e “iniciativa” para demonstrar que os catireiros não podem ter preguiça (como também é falado no trecho 11), tem que *ir atrás* de outros catireiros para fechar negócios. A utilização desses substantivos para caracterizar o que um catireiro faz no seu cotidiano reforça o que a enunciativa diz no final do seu discurso, pois “atitude” e “iniciativa” são práticas que, muitas vezes, uma pessoa mais tímida, com muita *vergonha*, não exerce em seu dia-a-dia, e por isso seriam pessoas com mais dificuldade em fazer catiras.

No fragmento 12, ao enunciador descrever as ações necessárias para a prática da catira, como “especular”, “argumentar”, “mostrar” e “falar”, ele utiliza da figura de linguagem da comparação para fazer uma analogia entre catireiros e vendedores de loja, os quais, ambos, precisam ser bons negociadores para saber construir uma imagem positiva sobre as mercadorias e/ou serviços que catiram/vendem. Ademais, esse entrevistado ressalta também que os catireiros não devem afunilar demais os produtos ou serviços que catiram, pois, se assim o fizer, irão *denegrir* sua imagem. Ou seja, segundo esse enunciador, os praticantes devem catirar de tudo um pouco, para não perderem oportunidades de negócios e nem mancharem sua reputação.

Outro aspecto que sobressaiu nas dimensões textuais acima sobre as práticas cotidianas na arte da catira foi em relação aos catireiros se manterem atualizados sobre o mercado, os preços das mercadorias, os praticantes da catira e o que eles têm negociado, pois seus negócios vão de fazendas a navios, de galinhas a vacas, de carro a éguas. Assim, é preciso saber o valor desses produtos a todo o momento, sua cotação no mercado financeiro local e não local (principalmente dos animais), a fim de que se possa fazer as proporções para as trocas em produtos e/ou dinheiro.

Desse modo, a justificativa de técnicos e especialistas da área rural e acadêmicos em geral para ignorar as práticas cotidianas e o saber prático dos catireiros, dizendo que esses não possuem racionalidade em suas práticas, nem conhecimento técnico do mercado rural (RIBEIRO, 1986), ou até mesmo que suas práticas são ineficientes do ponto de vista mercadológico, são argumentos infundados e im procedentes para os catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, uma vez que esses buscam acompanhar e se manterem atualizados sobre aspectos mercadológicos locais e regionais, além de que suas práticas são constantemente norteadas pela racionalidade instrumental e que são práticas eficientes sim, tendo em vista que muitos deles (sobre)vivem, criam suas famílias e expandem seus negócios através da arte da catira.

Embora muitos não tenham Ensino Superior completo, isso não quer dizer que eles sejam amadores ou sem credibilidade, pois esses praticantes obtêm conhecimentos do mercado através da própria prática da catira. Portanto, quando pesquisadores caracterizam o homem comum – neste trabalho, o catireiro do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e sua gestão ordinária – como um praticante amador, sem profissionalismo, nem credibilidade, como apontado por Brant (2004), Lima (2009) e Holanda (2011), trata-se de um argumento incoerente e inverídico.

Além disso, nos fragmentos abaixo aparece um discurso demonstrando que a prática da catira não significa apenas geração e ampliação de renda para esses sujeitos. No intervalo abaixo, o discurso que se sobressai é o *gosto e prazer* pela prática da catira.

13 Olha, pra mim... porque eu gosto de trabalhar com gado, né! E tava sem opção fora da atividade de pecuária e pra fazer um dinheiro, um giro rápido. (C10)

14 Mas é mais é um... Hobby. Porque eu tirava o leite né, dava uma rendinha boa. E depois ia mexer com as catiras, pra ganhar mais um dinheirinho. (C14)

15 Hoje eu... eu tenho um punhado de profissão... Eu num tenho uma só não. Mas eu não uso a catira como profissão não... Eu faço catira porque eu gosto mesmo (risos). (C17)

16 Uai.. É o ramo que eu gosto desde menino... É uma coisa que eu entendo.. Já que eu num gosto muito de estudar e é um ramo que... assim, dá um dinheiro mais fácil no caso... Hoje ela nem é minha atividade principal, ela complementa a renda, né?! Eu tenho um caminhão truck boiadero né... Então eu faço catira e faço frete também. (C26)

17 Ah, eu comecei a catirar porque eu gosto mesmo... Mas hoje a catira é minha aposentadoria. (C27)

Como os entrevistados relatam, fazer catira poderia ser considerado um *hobby*, palavra esta que exprime a ideia de passatempo, divertimento, uma atividade praticada pelo deleite. Contudo, embora todos esses enunciadores afirmarem que realizam esses contínuos negócios porque gostam, como se fosse um *hobby*, os entrevistados não deixam de relatar também que a catira significa para eles uma ampliação ou complemento de renda (como evidenciado nos trechos de 13 a 17).

Ademais, vale ressaltar ainda que no fragmento 15 o enunciador, ao expor que possui vários trabalhos, faz questão de negar a prática da catira como uma de suas profissões, uma vez que a realiza por uma questão de prazer. Dessa forma, o enunciador, implicitamente em suas práticas discursivas, faz uma separação entre o que é considerado trabalho e o que não é. Nesse sentido, a catira não pode ser considerada, para ele, uma profissão, porque uma profissão não pode proporcionar o deleite que a catira lhe oferece.

Assim, o discurso do *gostar* presente nesses trechos destaca que há um sentimento por parte desses catireiros de pertencimento e de identificação (SERRES, 1995; 2000) com o contexto da catira (com a prática da catira, com seus resultados, com os catireiros que a (re)produzem e com o contexto social e cultural que envolvem essa prática). No caso da catira como *hobby*, é possível afirmar que as práticas dos catireiros são conduzidas não somente pela racionalidade instrumental – caracterizada pela ação calculada, pelos fins, pelas projeções utilitárias e pela maximização dos resultados (SERVA, 1997) – mas também pela racionalidade substantiva, pois são práticas balizadas por elementos como a auto-realização, a autonomia (GUERREIRO RAMOS, 1981) e por valores que transcendem o cálculo e as projeções utilitárias (SERVA, 1997).

Como destacamos na parte teórica deste estudo, essas práticas cotidianas pautadas em diferentes tipos de racionalidade permitem ao indivíduo exercer em seu cotidiano uma identidade instrumental ou substantiva. Em um primeiro momento, antes de irmos a campo, imaginamos que as práticas dos catireiros seriam balizadas somente pela racionalidade instrumental, uma vez que eles estão inseridos em um contexto de projeções calculistas e

utilitaristas, que visam a maximização dos resultados para (sobre)viverem e complementarem suas rendas, e, portanto, exerceriam apenas a identidade instrumental no dia-a-dia das catiras.

Todavia, como pontua Guerreiro Ramos (1981), os indivíduos são capazes de exercer diferentes tipos de racionalidades em diferentes momentos da vida social e, além disso, são capazes de exercer uma identidade substancial em contextos pautados pela instrumentalidade (CIAMPA, 2005). Assim, acreditamos que esses catireiros que praticam a catira pelo prazer, como um *hobby*, se aproximam também do exercício de uma identidade substantiva, autêntica e mais autônoma, mas não menos instrumental que os demais praticantes, afinal, eles são negociantes em seu cotidiano e precisam selar negócios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos que propomos neste trabalho foram os de analisar a construção das identidades de catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e compreender quais os tipos de racionalidades orientam suas práticas na catira. Assim, buscamos contribuir para o entendimento da Administração em diferentes perspectivas, uma vez que este estudo permite compreender a construção das identidades de indivíduos comuns que são marginalizados pelos estudos da área. As catiras e os catireiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba guardam e (re)constroem diariamente histórias, identidades e racionalidades que precisam ser destacados na nossa área, uma vez que podem contribuir social e academicamente.

Dessa forma, podemos afirmar que os catireiros, inicialmente, buscaram se identificar e se diferenciar dos demais por meio de substantivos, demonstrando *quem são* esses sujeitos. Contudo, com o andamento da investigação, os respondentes passaram a utilizar verbos que caracterizam suas práticas cotidianas na catira e que são manifestações de suas identidades, demonstrando, a partir de então, *o que são*. Nesse sentido, ações como andar, conhecer, estabelecer contatos, fazer seu nome e reputação, conhecer pessoas e mercadorias, negociar, entender do mercado, pesquisar, jogar, empreender, arriscar, passar confiança, ser honesto, dentre outras, são algumas práticas que perfazem, (re)constroem e materializam cotidianamente as identidades desses catireiros.

Além disso, as identidades desses praticantes poderiam ser caracterizadas e identificadas também como andantes e caminantes, pois uma das práticas mais verbalizadas pelos catireiros no cotidiano da catira é o andar muito para conhecer e especular sobre o mercado rural em que estão inseridos. Entretanto, não pretendemos aqui resumir ou reduzir as identidades dos catireiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba a essas identidades que eles ressignificaram o ser catireiro. Como já citamos no decorrer do trabalho, suas identidades são múltiplas, inconstantes e fragmentadas, e materializadas por meio da diversidade de suas ações no mundo.

Ademais, vale ressaltar ainda que as ações dos catireiros no contexto da catira são balizadas, principalmente, pela racionalidade instrumental. Foi evidenciado que os catireiros conhecem bastante o mercado de produtos rurais, uma vez que acompanham de perto as variações econômicas e as negociações estabelecidas pelos outros catireiros, e que culmina em um saber preciso do mercado rural da catira, isto é, aquele em que estão inseridos. Desse modo, mesmo muito desses praticantes não tendo Ensino Superior completo, eles não podem ser caracterizados como amadores, ou terem suas práticas de negociação deslegitimadas por técnicos e acadêmicos da área, já que são através dessas práticas que eles (sobre)vivem, criam suas famílias e expandem seus negócios. É importante destacar ainda que os catireiros

também são capazes de exercer diferentes tipos de racionalidades em diferentes contextos sociais, como acontece com aqueles praticantes que catiram por *hobby*. Ali, os catireiros se aproximam de uma identidade substantiva e autêntica, mas não menos instrumental que os demais praticantes, porque ainda precisam fechar negócios.

Dessa forma, pretendemos com esta pesquisa (re)valorizar o sujeito comum, suas identidades e seus saberes locais que ficam a margem do saber tecnicista pregado pelo *mainstream*. Nosso intuito foi desvelá-los do silêncio e da invisibilidade em que estavam submetidos ao dar voz e ouvidos a esses catireiros, os quais são considerados, inapropriadamente, como amadores, e que tem suas práticas caracterizadas como desprovidas de racionalidade, mas que são sim norteadas por uma racionalidade instrumental que auxiliam na geração e ampliação de suas riquezas.

Como principais dificuldades de pesquisa, podemos citar o pouco embasamento teórico existente não sobre identidade e racionalidades, mas sobre a prática catira e os catireiros, e também os ruídos que interferiram nas entrevistas realizadas em leilões de gado. Por fim, como sugestões de trabalhos posteriores, propomos um estudo mais aprofundado sobre as práticas cotidianas de negócio desses gestores ordinários e a sua relação com o êxito e/ou fracasso na catira. Além disso, sugerimos também que se estudem a construção das identidades de outros pequenos comerciantes rurais e sujeitos comuns que ficam a margem das pesquisas em Administração, como os fazendeiros e produtores rurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BARROS, A. N.; CRUZ, R. C.; XAVIER, W. S.; CARRIERI, A. P.; LIMA, G. C. O. Apropriação dos Saberes Administrativos: Um Olhar Alternativo sobre o Desenvolvimento da Área. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 5, art. 55, p. 43-67, 2011.

BARROS, M. J. F.; OLIVEIRA, V. F. Racionalidade Administrativa: reprodução da lógica capitalista através do uso inadequado e ideológico do atributo de “racional” às ações administrativas. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 247-263, maio/ago. 2012.

BIERNARCKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods and Research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, nov. 1981.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Tese – Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul., 2005.

BRANT, F. **Mercado Central**. Belo Horizonte. Conceito Editorial, 2004.

BUTLER, R. Enhancing and undermining intrinsic motivation: the effects of taskinvolving and ego-involving evaluation on interest and performance. **British Journal of Educational Psychology**, v. 58, p. 1-14, 1998.

CALDAS, M. P.; WOOD Jr., T. Identidade organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v.37, n. 1, p. 6-17, jan/mar, 1997.

CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v. 49, n. 4, p. 698-713, 2014.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga-Portugal, v. 16, n. 2, p. 221-36, 2003.

CIAMPA, A. C. **Estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DEGOB, R.; PALASSI, M. P. Os sentidos da participação dos colaboradores nos projetos e ações sociais dos Correios do Estado do Espírito Santo. **Organizações&Sociedade**, v.16, p.265-286, 2009.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FARIA, J. H. **Economia política do poder – Fundamentos**. Curitiba: Juruá, 2004.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

GUERREIRO RAMOS, A. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconstrução da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

HOLANDA, L. A. **Resistência e apropriação de práticas de Management no organizar de coletivos da cultura popular**. Tese (Doutorado). Recife: Propad/UFPE, 2011.

LIMA, G. C. O. **Memórias da gestão: o percurso da identidade administrativa de tropeiros em Minas Gerais**. 172p. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2009.

LIMA, S. M. M.; HOPFER, K. R.; LIMA-SOUZA, J. E. Complementaridade entre racionalidades na construção da identidade profissional. **RAE-eletrônica**, v. 3, n. 2, art. 19, jul/dez. 2004.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2008.

RIBEIRO, E. M. **Os fazendeiros da cultura – estudo sobre a fazenda “tradicional” e a modernização agrícola na região mineira dos cerrados**. 230p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1986.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. A arte da catira: negócios e reprodução familiar de sitiantes mineiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 64, jun. 2007.

SANTOS, J. V. P. **Para além do *Business School*: desvelando as muitas maneiras de fazer catira e as identidades de catireiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SERRES, M. Pertinência e identidade. In: LÈVY, P.; AUTHIER, M. (orgs.). **As árvores de conhecimento**. São Paulo: Escuta, 1995.

SERRES, M. Novas tecnologias e sociedade pedagógica. **Interface**, Botucatu, v. 4, n. 6, p. 129-142, 2000.

SERVA, M. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. **Revista de Administração de Empresas**, v. 37, n. 2, p. 18-30, abr/jun, 1997.

SOUZA, E. M. Poder, diferença e subjetividade: a problematização do normal. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, n. 1, p. 103-143, jun. 2014.

SOUZA, M. M. P. “**O teatro como forma de se colocar no mundo**”: a formação de identidades nos Grupos Galpões. 242p. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. Identidades, práticas discursivas e os estudos organizacionais: uma proposta teórico-metodológica. **Cad. EBAPE.BR**, v. 10, n.1, p. 40-64, 2012.

TUGENDHAT, E. Nietzsche e o problema da transcendência imanente. **Ethic@**, v. 1, n. 1, p. 47-62, 2002.

TURETA, C.; LIMA, J. B. Estratégia como Prática Social: o Estrategizar em uma Rede Interorganizacional. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 6, art. 105, p. 76-108, 2011.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. UnB, 1994.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma construção teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.